

## Psicolinguística experimental: aquisição, compreensão e produção da linguagem

### Experimental Psycholinguistics: acquisition, comprehension, and linguistic production

Cândido Samuel Fonseca de Oliveira<sup>1</sup>, Mercedes Marcilese<sup>2</sup>, Cristina Name<sup>3</sup>

*CEFET/MG (Brasil), NEALP/UFJF (Brasil), NEALP/UFJF/CNPq (Brasil)*

#### RESUMO

A psicolinguística se constitui como um campo de estudos que busca ser interdisciplinar, mas teoricamente coerente e que visa a formular uma abordagem unificada sobre a comunicação linguística humana do ponto de vista mentalista. Diferencia-se de outras disciplinas que também se interessam pela relação entre linguagem e mente ao tentar desvendar a natureza das operações mentais envolvidas no processamento linguístico, concebendo a linguagem como um sistema cognitivo inserido na complexa dinâmica entre o geral e o específico da mente humana. O presente artigo traz uma caracterização da área e apresenta um conjunto de pesquisas recentes desenvolvidas no âmbito da psicolinguística experimental no cenário brasileiro.

#### PALAVRAS-CHAVE:

Psicolinguística. Processamento linguístico. Aquisição da linguagem. Compreensão. Produção.

#### ABSTRACT

Psycholinguistics is a field of study that seeks to be interdisciplinary but theoretically coherent and aims to formulate a unified approach to human linguistic communication from a mentalist point of view. It differs from other disciplines that are also interested in the relationship between language and mind by trying to unravel the nature of mental operations involved in linguistic processing, conceiving language as a cognitive system embedded in the complex dynamic between the general and the specific of the human mind. This paper provides a characterization of the field and presents a set of recent research studies carried out in the field of experimental psycholinguistics in Brazil.

#### KEYWORDS:

Psycholinguistics. Linguistic Processing. Language Acquisition. Comprehension. Production.

Recebido em: 01/08/2023

Aceito em: 25/08/2023

<sup>1</sup> E-mail: coliveira@cefetmg.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7578-6288>

<sup>2</sup> E-mail: mercedes.marcilese@ufjf.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9058-8367>

<sup>3</sup> E-mail: cristina.name@ufjf.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5625-9503>

## 1. Introdução

De acordo com os registros disponíveis, o termo “psicolinguística” foi introduzido pelo psicólogo americano Jacob Robert Kantor no seu livro *“An Objective Psychology of Grammar”* (1936). Nas primeiras linhas do prefácio, Kantor afirma que a gramática é, pelo menos em parte, psicológica. No entanto, o autor destaca que “não há estudos satisfatórios do fenômeno gramatical de um ponto de vista psicológico”<sup>4</sup>. Até então, os estudos psicológicos sobre a linguagem se dividiam, para Kantor, em dois grandes grupos: (i) aqueles que levantam explicações fisiológicas para o modo como a fala funciona; e (ii) os que “psicologizam” os fenômenos linguísticos, buscando motivações psicológicas para a produção linguística. A psicologia tradicional – à época, pautada na subjetividade – não oferecia, de acordo com Kantor, uma análise da real natureza da fala, ficando assim relegada ao papel de uma disciplina auxiliar da linguística.

Após analisar em perspectiva histórica os contatos entre a psicologia e a linguística, Kantor fornece sua visão sobre a “situação psicolinguística” e conclui que o estudo da linguagem precisa considerar que ela envolve acontecimentos psicológicos reais, além do fato de se tratar de um fenômeno social e histórico (Kantor, 1936, p.56)<sup>5</sup>. Levelt (2012) destaca que, após essa primeira menção, o termo “psicolinguística” foi pouco utilizado até a publicação de Pronko (1946), *“Language and psycholinguistics: A review”*. A partir daí, o termo começa a ser amplamente utilizado para designar um campo de estudos que busca ser interdisciplinar, mas teoricamente coerente e que visa a formular uma abordagem unificada sobre a comunicação linguística humana do ponto de vista mentalista.

A relação entre linguagem e mente se encontra no cerne da caracterização da psicolinguística como campo de estudos. Todavia, esse ponto não se mostra suficiente para delimitar de forma nítida a área, já que esse mesmo interesse pode ser observado, em maior ou menor grau, em outras disciplinas, tais como a filosofia da mente, a linguística de orientação cognitiva (formalista ou não), a neurolinguística, dentre várias outras. Quais são as características que permitem delimitar a psicolinguística como uma disciplina autônoma, dotada de

---

<sup>4</sup> *Grammar, at least in part, is psychological. Yet no satisfactory study of grammatical phenomena has been made from the psychological point of view. There are, of course, a number of psychological treatises on linguistic phenomena, but they constitute neither a definite body of psychological facts and principles nor a satisfactory contribution to the clarification of linguistics problems* (Kantor, 1936, p.v).

<sup>5</sup> *Language must be studied both as actual psychological happenings and as social and historical phenomena* (Kantor, 1936, p.56).

---

especificidade tanto teórica quanto metodológica? A adoção de metodologia de cunho experimental para suas investigações pode ser vista como um diferencial, mas por si só também não se mostra um critério necessário e suficiente para a delimitação da área por dois motivos principais. Em primeiro lugar, a psicolinguística experimental se refere a um subconjunto das investigações conduzidas na área, já que existe ainda a psicolinguística teórica e até mesmo subdivisões internas do campo que não necessariamente adotam essa metodologia, como a área de aquisição da linguagem. Em segundo lugar, outras áreas de estudo tanto na psicologia quanto na linguística adotam a experimentação como opção metodológica nas suas investigações (cf. Maia (2015) sobre sintaxe experimental, por exemplo).

No intuito de buscar repostas para responder a pergunta sobre a identidade da área, vale a pena retomar a proposta de Marr (1982), segundo a qual qualquer sistema de processamento de informação deve ser analisado em três níveis: (1) **computacional**, relativo ao que o sistema ou “mecanismo faz e por quê” ou, nos termos de Krafft e Griffiths (2018, p. 1963), relativo “[a]o problema computacional que o sistema resolve”; (2) **representacional-algorítmico**, que especifica as formas de representação e os algoritmos pelos quais o sistema opera; e (3) **implementacional**, referente a como o(s) algoritmo(s) e representações se realizam fisicamente (Marr, 1982, p. 25). Embora tal proposta venha sendo sujeita a questionamentos e revisões<sup>6</sup> – em parte, pelo avanço dos estudos multidisciplinares e desenvolvimento de novas metodologias de pesquisa –, ela tem o mérito de destacar as especificidades de diferentes processos envolvidos no processamento de informações por sistemas cognitivos.

Assumindo a linguagem como um sistema cognitivo, caberia à psicolinguística investigar o nível representacional-algorítmico, considerando capacidades perceptuais, articulatórias e conceptuais, de armazenamento e recuperação de informação, atuando *online* no processamento de informação linguística. Os níveis computacional e implementacional, por sua vez, seriam particularmente focalizados pela linguística e a neurolinguística, respectivamente. Assim, podemos dizer que a psicolinguística se singulariza por formular e fazer uso de modelos procedimentais envolvendo outros sistemas cognitivos, além de considerar modelos de língua e de funcionamento cerebral relativo à linguagem. A delimitação do campo nos termos anteriormente mencionados pode ser melhor compreendida à luz do percurso histórico de formação da disciplina, sobre o qual falaremos brevemente a seguir.

---

<sup>6</sup> Ver, por exemplo, McClamrock (1991) para discussão.

## 2. O surgimento da psicolinguística

A psicolinguística emerge efetivamente como disciplina na década de 1950, mas o ano de 1951 pode ser considerado um marco fundamental para a história da área (Levelt, 2012, p.3). Três pontos de referência principais estão associados a esse ano emblemático: a realização do Seminário de Verão em Psicologia e Linguística da Universidade de Cornell e as publicações do livro de George Miller *“Language and Communication”* e do artigo de Karl Lashley *“The problem of serial order in behavior”*. Durante o Seminário de Cornell, que contou com Carroll, Osgood e Salomon como principais impulsionadores, foram discutidas as possíveis relações entre linguística e psicologia e levantadas diversas recomendações para o desenvolvimento da psicolinguística. O livro do Miller trouxe uma revisão do estado da arte da psicologia da linguagem e a comunicação, cobrindo 50 anos de pesquisas na área. O artigo de Lashley, por sua vez, pode ser considerado um dos primeiros questionamentos diretos às propostas behavioristas vigentes à época, puramente associativas. Lashley defende uma abordagem mais sintática para o tratamento das habilidades comportamentais hierárquicas, trazendo à tona um ponto bastante relevante na iminente revolução cognitiva prestes a eclodir.

O surgimento da linguística gerativa na década de 1950 foi, sem sombra de dúvida, um divisor de águas no desenvolvimento dos estudos sobre a linguagem. A revolução cognitiva promovida, em boa medida, pelas formulações chomskyanas, foi parcialmente responsável pelo impulso observado na psicolinguística na mesma época. A história da psicolinguística, no entanto, começa mais cedo, como lembra Levelt (2012), ainda no século XVII. Já os antecedentes são múltiplos e remontam, de acordo com Garnham, Garrod e Sanford (2006), à Grécia antiga, com a teoria dos conceitos platônica, passando por Descartes e pelas ideias aventadas pela Gramática de Port Royal (Arnaud e Lancelot, 1660), em particular aquelas que embasam o conceito de gramática universal. Além dessa herança filosófica, os principais antecedentes para o surgimento da psicolinguística têm sua origem na psicologia, com a fundação do laboratório experimental de Wundt em Leipzig em 1879. Esse local terá um papel crucial na formação de uma geração de psicólogos e no amadurecimento da psicologia experimental como uma disciplina científica. O próprio Wundt desenvolve diversos estudos no campo da psicologia da linguagem que podem ser considerados precursores da pesquisa psicolinguística que inicia oficialmente a partir da segunda metade do século XX.

Outras contribuições relevantes para a psicolinguística na área dos estudos psicológicos incluem a noção de lapso freudiano, em particular no que tange aos lapsos de fala e, antes de Freud – e citado por ele em “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana” (1981) –, o estudo de Meringer e Mayer (1985) sobre o mesmo assunto. Os estudos sobre afasiologia inaugurados por Broca (1861) e Wernicke (1874) também podem ser considerados antecedentes relevantes para a constituição do campo da psicolinguística.

Estudos de *corpus*, em particular os diários de desenvolvimento infantil – com destaque para o trabalho de Clara e Wilhelm Stern (Stern e Stern, 1907) – constituem outro antecedente importante para a psicolinguística. Na mesma época, estudos de cunho experimental trouxeram subsídios para o que se tornaria um tópico bastante relevante de pesquisa na psicolinguística contemporânea, qual seja, a movimentação ocular durante a leitura. No fim do século XIX, Émile Javal constatou que os olhos não se movem suavemente durante a leitura, mas em uma série de movimentos rápidos e bruscos, denominados sacadas, que se intercalam com “pausas” ou fixações. Essa e outras descobertas da época foram cruciais para os estudos sobre o processamento da leitura.

Com a efetiva consolidação da disciplina na segunda metade do século XX, inicia-se uma etapa na qual a psicolinguística e a linguística de base chomskyana se aproximam de forma notável. Miller e Chomsky (1963) buscam articular a teoria da informação com as ideias formuladas no âmbito da gramática gerativa, em particular, a noção de transformações sintáticas (Chomsky, 1957). Surge assim a Teoria da Complexidade Derivacional, que busca fornecer uma teoria do processamento linguístico. De acordo com a formulação inicial, o desempenho dos falantes seria influenciado pela estrutura das sentenças, em particular, no que tange a natureza, número e complexidade das transformações gramaticais envolvidas. A realidade psicológica de tais operações gramaticais, no entanto, não foi efetivamente comprovada. Após alguns resultados alentadores, foi observado que não apenas a estrutura sintática, mas outros fatores de ordem semântica e pragmática, são relevantes na interpretação de sentenças. A tentativa de subordinar a psicolinguística ao modelo de língua formulado pela teoria gerativa transformacional deixou de lado aspectos centrais para uma teoria do processamento, em particular, a natureza dos processos mentais responsáveis pela compreensão e produção linguística, bem como a relação entre o sistema linguístico e os sistemas de desempenho nos quais a linguagem humana se insere.

A partir da década de 1970 a distância entre a linguística teórica chomskyana e a psicolinguística se acentua e a psicolinguística começa a trilhar um caminho mais autônomo, sem

assumir um compromisso prévio com nenhuma teoria linguística em particular. Com isso, as pesquisas desenvolvidas desde então têm se filiado a modelos de língua diversos ou, até mesmo, têm evitado declarar qualquer vínculo explícito com uma ou outra abordagem dentro da linguística.

### 3. Processamento linguístico oral e escrito em L1 e L2

Além da produção e compreensão – seja de linguagem falada ou escrita – a psicolinguística investiga aspectos relativos à aquisição da linguagem e ao comprometimento linguístico, por exemplo, nos quadros de afasia. Os diversos níveis envolvidos na compreensão e produção linguística podem ser abordados do ponto de vista da psicolinguística. Nesse sentido, estudos psicolinguísticos podem investigar a produção e percepção de sons e gestos com valor linguístico – nos níveis fonético e fonológico, tanto segmental quanto suprasegmental –, as unidades do léxico, sua natureza, armazenamento e recuperação – no nível morfológico e lexical –, a combinação de unidades na formação de estruturas maiores – considerando o nível sintático no processamento sentencial – e os aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos, relativos ao sentido, a intenção comunicativa, à estrutura informacional, etc.

Durante a interação comunicativa, falantes e ouvintes realizam ações coordenadas nas quais os distintos níveis e suas unidades correspondentes entram em jogo, sistemas conceituais-intencionais e conhecimento de mundo são acionados. O processamento linguístico depende crucialmente não apenas do conhecimento linguístico *stricto sensu*, mas recruta sistemas cognitivos de cunho mais geral, tais como os sistemas de memória, recursos atencionais e de controle executivo. As operações mentais necessárias para a compreensão e a produção se desenvolvem de forma organizada seguindo um curso temporal que pode ser indicativo do custo cognitivo de cada etapa. Assim, como vimos, a psicolinguística se diferencia de outras disciplinas que também se interessam pela relação entre linguagem e mente ao tentar desvendar a natureza de tais operações, concebendo a linguagem como um sistema cognitivo inserido nessa complexa dinâmica entre o geral e o específico da mente humana.

A investigação relativa à natureza das representações mentais e dos algoritmos envolvidos no processamento linguístico traz à tona diversos questionamentos que se constituem como um núcleo para as discussões no âmbito da disciplina. A linguagem humana pode ser caracterizada como um módulo mental no sentido fodoriano (Fodor, 1983), cujo funcionamento é de domínio específico, encapsulado e automático ou sua arquitetura é compatível com uma visão mais

generalista e não modular da mente? As operações e etapas envolvidas no processamento são de natureza serial, paralela ou mista? Qual é a direcionalidade do processamento linguístico? *Top-down* ou *bottom-up*? Essa distinção entre processamento ascendente ou descendente é bastante relevante na investigação sobre a integração de informações, seja na leitura, seja na compreensão oral. Além disso, a caracterização da natureza do processamento também precisa levar em consideração o contraste entre operações *online* – rápidas e sem acesso consciente, encapsuladas, nos termos de Fodor (1983) – e processos integrativos mais tardios (*offline?*), muitas vezes conscientes e deliberativos, nos quais várias fontes de informação relevantes estariam disponíveis para os falantes/ouvintes.

Desde o surgimento da área, podemos observar uma progressiva diversificação dos estudos no campo da psicolinguística. Embora inicialmente as pesquisas tenham se concentrado de forma maciça na compreensão de sentenças, rapidamente os tópicos começaram a se multiplicar: o estudo da percepção, em particular no que tange ao reconhecimento de palavras, pesquisas sobre a memória semântica – representação semântica das unidades lexicais – , processamento no nível textual, acesso lexical, produção na fala e na escrita, processamento da leitura, aquisição da linguagem, dentre outros, são alguns dos principais temas abordados.

O processamento da linguagem por monolíngues aos poucos foi cedendo espaço para a investigação da representação e do processamento linguístico por falantes bilíngues. O campo do bilinguismo, apesar de suas fortes raízes sociolinguísticas, desde o seu início nos anos 50 aborda questões de cunho psicolinguístico. Nesse período, pesquisadores já abordavam assuntos referentes à representação linguística na mente bilíngue, um tema ainda relevante nos dias atuais.

Os trabalhos pioneiros de Weinreich (1953) e Ervin e Osgood (1954) apresentaram classificações de bilinguismo, que podem ser consideradas marcos iniciais das teorias de representação bilíngue. Esses modelos propuseram que as palavras da primeira língua e suas traduções na segunda língua poderiam ou não se referir ao mesmo conceito. Weinreich também considerava a possibilidade de uma palavra estar associada não apenas diretamente a um conceito, mas à sua tradução na outra língua. Essas diferentes possibilidades dependiam, em grande medida, dos contextos de uso das línguas pelos bilíngues, se eram utilizadas no mesmo contexto ou em contextos distintos. A diferenciação entre um nível conceitual e um nível lexical, assim como a interação entre itens lexicais, foram contribuições significativas que ecoam em modelos mais contemporâneos de representação lexical (Kroll e Stewart, 1994; Dijkstra e Van Heuven, 2002). No entanto, somente décadas depois é que esses conceitos começaram a ser

explorados empiricamente em estudos psicolinguísticos.

Conforme discutido por Jiang (2015), embora os estudos iniciais sobre bilinguismo predominantemente adotassem tarefas de recordação/reprodução livre e associação de palavras, já nos anos 50 havia estudos que analisavam tempos de reação, um dos principais tipos de dado utilizado na psicolinguística. Esses dados eram empregados principalmente para medir o nível de bilinguismo e a dominância linguística dos indivíduos bilíngues. Com o crescente interesse em compreender a separação ou a ligação entre L1 e L2 na mente bilíngue e com o avanço tecnológico dos computadores, a partir dos anos 80, os dados de tempo de reação, coletados através de métodos psicolinguísticos, começaram a ganhar destaque em estudos sobre bilinguismo. Tarefas envolvendo decisão lexical, nomeação de figuras, mudança de código, traduções, tarefa *Stroop*, *priming* translinguístico, entre outras, passaram a ser empregadas para investigar a interação entre os sistemas lexicais da L1 e da L2, assim como a ativação seletiva de cada língua durante o processamento.

Pesquisas sobre esses temas continuam relevantes para a compreensão do funcionamento da linguagem em indivíduos bilíngues e foram pilares essenciais para a constituição do campo hoje reconhecido como psicolinguística do bilinguismo, consolidando a interface entre as duas áreas que compõem seu nome. Periódicos como "*Bilingualism: Language and Cognition*" e obras como "*Handbook of Bilingualism: Psycholinguistic Approaches*" (Kroll e De Groot, 2005), "*Psycholinguistics of Bilingualism*" (Grosjean e Li, 2012) e "*The Cambridge Handbook of Bilingual Processing*" (Schwieter, 2015) são importantes referências que contribuíram para a consolidação dessa área de pesquisa.

De maneira geral, os estudos nessa área buscam compreender como os bilíngues adquirem, processam e produzem linguagem através de investigações psicolinguísticas. Além disso, outros tópicos de pesquisa ganharam relevância, como as consequências cognitivas do bilinguismo, mecanismos de controle linguístico e as diferenças individuais. Atualmente, uma ampla gama de métodos psicolinguísticos é empregada nas pesquisas sobre bilinguismo, desde métodos comportamentais *offline* e *online* até técnicas de neuroimagem e modelagem computacional (Spivey e Cardon, 2015).

#### **4. Tópicos contemporâneos em psicolinguística no Brasil**

A psicolinguística experimental é uma área em constante crescimento no Brasil. Nos

---



últimos anos vários livros foram publicados, ajudando a consolidar a área em âmbito nacional. A título de ilustração, temos as obras *"Processamento da Linguagem: Série Investigações em Psicolinguística GT de Psicolinguística da ANPOLL"* (Maia e Finger, 2005) e *"Linguagem e Cognição: Processamento, Aquisição e Cérebro"* (Buchweitz e Mota, 2015), que apresentam um panorama dos estudos em processamento da linguagem desenvolvidos no Brasil nas duas primeiras décadas deste século. Além disso, o livro *"Psicolinguística, Psicolinguísticas"* (Maia, 2015) constitui uma importante introdução à área e o livro *"Métodos Experimentais em Psicolinguística"* (Oliveira e Sá, 2022) uma introdução a alguns dos principais métodos de pesquisa utilizados no país. No livro *"Interface linguagem e cognição: contribuições da psicolinguística"* (Mota e Name, 2019), importantes pesquisadores brasileiros apresentam capítulos sobre aquisição da linguagem, processamento linguístico, bilinguismo, desenvolvimento atípico e métodos experimentais para mostrar as contribuições da psicolinguística para o entendimento da linguagem em sua interface com a cognição. Outras obras psicolinguísticas recentes desenvolvidas por pesquisadores atuantes no Brasil incluem: *"Psicolinguística e Educação"* (Maia, 2018), *"Psicolinguística em Minas Gerais"* (Oliveira e Sá, 2020) *"Psicolinguística: Diversidades, interfaces e aplicações"* (Maia, 2022) e *"Bilinguismo e leitura: contribuições da Psicolinguística"* (Limberger, Toassi e Klein, no prelo).

Além disso, diversos periódicos nacionais tiveram números especiais dedicados a trabalhos psicolinguísticos e foram importantes veículos de divulgação das pesquisas desse campo. Este volume 27, número 1, de 2023 da Veredas – Revista de Estudos Linguísticos se dedica integralmente à Psicolinguística Experimental. Neste número, apresentamos uma gama de pesquisas que investigam uma parte considerável dos temas expressos nos títulos das obras nacionais mencionadas no parágrafo anterior. Quatro dos artigos do presente número são dedicados ao processamento de sentenças e outras estruturas linguísticas. Cada artigo traz contribuições valiosas para compreender como nossa mente decodifica e interpreta a complexidade das estruturas linguísticas. Bianca Chaves Leite Lignani e Aline Alves Fonseca, em "Exaustividade com Advérbios Focalizadores e Clivadas Totais em Português Brasileiro", investigam o efeito do advérbio focalizador 'só' e da clivagem total no Português Brasileiro, evidenciando diferenças na interpretação das sentenças de acordo com a posição desses marcadores de foco. Os resultados dos testes de completção de oração indicam que as diferentes colocações dos marcadores de foco influenciam a interpretação das sentenças. O trabalho "O processamento do participio passado de primeira conjugação em teste de *priming* encoberto", de Leonardo Cabral e Marije Soto, explora a decomposição de palavras de morfologia complexa em uma tarefa de

decisão lexical com *priming* encoberto. Os resultados evidenciaram efeitos gerais de frequência e *priming*, apontando para a decomposição das palavras em morfemas, ressaltando a necessidade de investigar o contexto sintático no processamento lexical. Em "Processamento de orações relativas de objeto direto com pronomes resumptivos: o caso do Português Brasileiro e o efeito de lacuna preenchida", Marije Soto, Marina R. A. Augusto e Maria Clara Abend reportam um estudo de leitura automonitorada que revelou que a presença de pronomes resumptivos impõe um efeito de lacuna preenchida, mas com uma rápida recuperação no processamento. Além disso, os resultados sugerem que o custo de processamento imposto por este pronome se deve ao grau de previsibilidade da lacuna em orações relativas de menor complexidade. No artigo "Variação linguística e ensino: aceitabilidade de orações relativas dos tipos padrão e não padrão na Educação de Jovens e Adultos (EJA)", Raiane Quimente Armando-Goulart e Marina Augusto também investigam o processamento de orações relativas no PB considerando diferentes variantes presentes na língua e analisando o papel das regras prescritivas na formação da gramática do falante escolarizado.

O volume conta ainda com dois artigos que investigam o processamento linguístico por falantes com perfis mais específicos. Carolina Aguiar de Oliveira e Letícia Maria Sicuro Corrêa, em "O processamento de sentenças passivas por adultos com sintomas de Déficit de Atenção e Hiperatividade: um estudo exploratório", investigam o processamento de sentenças passivas em adultos universitários com sintomas sugestivos de TDAH. Para isso, as autoras lançaram mão dos métodos leitura auto-cadenciada e julgamento de valor de verdade. Os resultados indicaram um maior custo no processamento das sentenças passivas, mas não houve diferença significativa em comparação com o grupo sem sintomas sugestivos de TDAH. Brenda Talissa Pires e Mailce Mota são as autoras do estudo intitulado "Os Efeitos da experiência com a leitura no processamento de frases na voz passiva por adultos: um estudo exploratório de *priming* estrutural", que analisa o processamento de frases na voz passiva por adultos com diferentes experiências de leitura na infância. Os resultados revelaram efeitos de *priming* estrutural atrelados ao impulso lexical, que independem do grau de experiência com a escrita na infância.

Dois dos artigos do volume estão dedicados à prosódia sob uma perspectiva psicolinguística. Mais especificamente, os artigos analisam a produção de foco prosódico e a influência da prosódia no processamento linguístico. O artigo "Focalização prosódica na fala de crianças com desenvolvimento fonológico típico e atípico: análise duracional", de Geovana Soncin Karoline Araújo dos Santos, Pedro Ivo Ribeiro Pinheiro e Cecília Lorena Silva Guida, também

investiga falantes com um perfil linguístico específico: crianças com transtorno fonológico. Mais especificamente, o estudo compara essas crianças com aquelas com desenvolvimento típico da linguagem em relação ao aumento na duração da fala para fins de focalização. Para isso, utilizam como base o comportamento de falantes adultos. Os resultados indicam diferenças na maneira como crianças com transtorno fonológico marcam o foco prosódico contrastivo, o que sugere uma instabilidade no âmbito prosódico por parte dessas crianças. Por outro lado, "The influences of prosodic phrasing and constituent length on garden-path sentences in Brazilian Portuguese", de Vitor Gabriel Caldas, examina o papel da prosódia no processamento de frases *garden-path* por falantes do português brasileiro. Os participantes foram expostos a diferentes prosódias associadas a essas frases temporariamente ambíguas e depois executavam uma tarefa de completção de frases. Os resultados revelaram que a prosódia foi determinante nas escolhas dos participantes.

Três artigos investigam fenômenos relacionados ao bilinguismo. Ana Paula Bastos e Lilian Hübner apresentam o trabalho "Coativação Linguística Durante a Leitura em L2 por Surdos Bilíngues: Uma Revisão Sistemática", que analisa instrumentos empregados para examinar a coativação linguística bimodal durante a leitura por surdos. Esta revisão sistemática corrobora a hipótese de existência dessa coativação e ressalta a necessidade de controle de fatores como idade, contexto educacional, escolaridade, proficiência e hábitos de leitura e escrita. Ademais, as autoras indicam a necessidade de mais estudos envolvendo diferentes pares linguísticos. "Delineando a produção de SN1 de SN2 em inglês-L2 por aprendizes brasileiros: um estudo psicolinguístico" de Daniele Lima Miranda, Leonardo Teixeira e Pamela Freitas Pereira Toassi, examina a produção de sentenças com sintagmas binominais relacionais por brasileiros aprendizes do inglês como segunda língua. Mais especificamente, analisa-se a preferência dos participantes entre sintagma nominal não preposicionado, sintagma nominal preposicionado e sintagma nominal com uso de 's em um pré-teste de escolha de tradução e em uma tarefa de produção com *priming*. Os resultados do pré-teste indicam uma preferência pela estrutura não preposicionada e na tarefa de produção há um aumento dessa escolha devido ao efeito de *priming*. Elena Ortiz Preuss, Lorrainy de Jesus Souza e Rhanya Rodrigues são as autoras de "Abordagem Aspectual no Ensino de Verbos de Cambio em Espanhol como L2", que apresenta um estudo sobre a aquisição dos verbos de cambio do espanhol como L2 por aprendizes brasileiros e os efeitos de uma intervenção pedagógica baseada em autoinstrução sobre o uso desses verbos. Para analisar o efeito da intervenção as autoras lançaram mão de tarefas de julgamento de aceitabilidade em um desenho pré e pós-teste. Os resultados apontam para aumento sutil na acurácia e uma redução

nos tempos de reação após a instrução. As autoras entendem que os resultados indicam o potencial pedagógico da autoinstrução.

Por fim, dois dos artigos deste número abordam questões relacionadas à habilidade de leitura. "Práticas de leitura e processamento de palavras escritas em pomerano", de Lisandro Miritz Völz e Bernardo Kolling Limberger, nos mantém na arena do bilinguismo, e investiga o processo de leitura por falantes do pomerano, que normalmente não têm representação ortográfica dessa língua. Os participantes, entre outras línguas, possuem conhecimentos de pomerano e alemão. Os resultados apontam para um efeito significativo dos cognatos (pomerano-alemão) em termos de acurácia e tempo de reação, sugerindo que esses falantes fazem uso dos conhecimentos ortográficos do alemão na leitura em pomerano. Angela Ines Klein, em "O ensino de leitura por meio de orientação ocular: primeiros testes no Brasil", apresenta uma análise qualitativa do programa "Vamos ler corretamente?", que oferece um diagnóstico individualizado das causas dos transtornos de leitura em crianças ou adultos e fornece uma terapia compensatória específica para cada causa identificada. Três crianças com dificuldade de leitura aparente foram selecionadas e, após aproximadamente 5 sessões, demonstraram uma melhora substancial na leitura. Elas passaram a ler pequenos segmentos de palavras, mesmo sem conhecimento prévio do alfabeto completo. Esses resultados preliminares destacam o potencial promissor do uso desse software como uma ferramenta eficaz no contexto educacional brasileiro.

O volume que apresentamos aqui ilustra a diversidade dos estudos em psicolinguística experimental no Brasil. Cada artigo oferece uma lente única para contemplar a complexidade e a riqueza do processamento e da aquisição da linguagem, destacando o papel crucial da psicolinguística na compreensão da comunicação humana. Esperamos que este volume enriqueça e inspire pesquisadores, estudantes e entusiastas da linguística.

## Referências

BUCHWEITZ, A.; MOTA, M. B. (orgs.) *Linguagem e Cognição: Processamento, Aquisição e Cérebro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

DIJKSTRA, T.; VAN HEUVEN, W. J. B. The architecture of the bilingual word recognition system: From identification to decision. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 5, n. 3, 175-197, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1366728902003012>

ERVIN, S. M.; OSGOOD, C. E. Second language learning and bilingualism. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 49, n. 2, p. 275-279, 1954.

FODOR, J. *The Modularity of Mind*. Cambridge, Mass: MIT Press., 1983.

GARNHAM, A.; GARROD, S.; SANFORD, A. Observations on the Past and Future of Psycholinguistics.

- In: TRAXLER, M.; GERNSBACHER, M. A. *Handbook of Psycholinguistics*. Amsterdam: Elsevier, 2006.
- GROSJEAN, F.; LI, P. (Eds.). *The psycholinguistics of bilingualism*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2012.
- JIANG, N. Six decades of research on lexical representation and processing in bilinguals. In: SCHWIETER, J. W. (Ed.) *The Cambridge Handbook of Bilingual Processing*. Cambridge Handbooks in Language and Linguistics. Cambridge University Press, 2015. p. 29-84.
- KANTOR, J. R. *An objective psychology of grammar*. Indiana University Publications, 1936. DOI: <https://doi.org/10.1037/13513-000>
- KRAFFT, P. M.; GRIFFITHS, T. L. Levels of Analysis in Computational Social Science (Conference Paper). *40th Annual Meeting of the Cognitive Science Society, CogSci 2018*, p. 1963-1968, 2018.
- KROLL, J. F.; DE GROOT, A. M. B. (Eds.) *Handbook of Bilingualism: Psycholinguistic Approaches*. New York, NY: Oxford University Press, 2005.
- KROLL, J. F.; STEWART, E. Category interference in translation and picture naming: Evidence for asymmetric connections between bilingual memory representations. *Journal of Memory and Language*, n. 33, 149-174, 1994.
- LEVELT, W. J.M. '1951', *A History of Psycholinguistics: The Pre-Chomskyan Era* (Oxford, 2012; online ed., Oxford Academic, 24 Jan. 2013). DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199653669.003.0001>
- LIMBERGER, B.; TOASSI, P.; KLEIN, A. (orgs.) *Bilinguismo e leitura: contribuições da Psicolinguística*. São Paulo: Pontes, no prelo.
- MAIA, M. (Org.). *Psicolinguística: Diversidades, interfaces e aplicações*. São Paulo: Editora Contexto, 2022.
- MAIA, M. (Org.). *Psicolinguística e Educação*. São Paulo: Mercado de Letras, 2018.
- MAIA, M. Sintaxe Experimental. In: OTHERO, G. A.; KENEDY, E. (Orgs.) *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p.51-72.
- MAIA, M. A. R.; FINGER, I. (Orgs.). *Processamento da Linguagem*. 1a. ed. Pelotas: EDUCAT, 2005.
- MARR, D. *Vision: A computational investigation into the human representation and processing of visual information*. San Francisco, CA: W.H. Freeman & Co., 1982.
- MCCLAMROCK, R. Marr's three levels: A re-evaluation. *Minds and Machines*, v. 1, 185–196, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF00361036>
- MOTA, M.B.; NAME, C. (Orgs.) *Interface linguagem e cognição: contribuições da Psicolinguística*. Tubarão: Copiart, 2019.
- OLIVEIRA, C. S. F.; SÁ, T. M. M. (Orgs.). *Métodos experimentais em psicolinguística*. São Paulo: Pá de Palavra, 2022.
- OLIVEIRA, C. S. F.; SÁ, T. M. M. (Orgs.). *Psicolinguística em Minas Gerais*. Contagem: CEFET-MG, 2020.
- SCHWIETER, J. W. (Ed.) *The Cambridge Handbook of Bilingual Processing*. Cambridge Handbooks in Language and Linguistics. Cambridge University Press, 2015. p. 29-84.
- SPIVEY, M.; CARDON, C. Methods for studying adult bilingualism. In: SCHWIETER, J. W. (Eds.). *The Cambridge Handbook of Bilingual Processing*. Cambridge Handbooks in Language and Linguistics.
-

Cambridge University Press, 2015. p. 108-132.

WEINREICH, U. *Languages in contact: Findings and problems*. The Hague, The Netherlands: Mouton, 1953.

---